

Tânia Regina Oliveira Ramos
Universidade Federal de Santa Catarina

Textualidades literárias e seus sujeitos femininos

Copyright © 2012 by Revista Estudos Feministas.

"Como se pode ter uma relação amorosa com os nomes próprios?"
Roland Barthes por Roland Barthes

Vamos partir da premissa de que escutar a polifonia de vozes a partir de nossas leituras seja uma necessidade. Todo e qualquer esforço para entender historicamente o mo(vi)mento teórico, cultural, político e as textualidades de gênero nos levam a abalar o nosso papel institucional diante de tantas certezas cristalizadas nos discursos de representações. Novos nomes e outras falas permitem hoje uma linhagem de um significativo prefixo desconstrutor: *descontinuidade*, *desmembramento*, *deslizamento*, *descentralização*. Se a ideia de identidade coletiva tornou-se rarefeita, se os tempos se diluíram ou se transformaram em "migalhas", mesmo assim o sentimento da história vai *afirmativamente* recuperando seus diálogos como os artigos aqui reunidos. Neles encontramos as histórias escritas no feminino, as representações de mulheres, as sensibilidades e as angústias, questões importantes para o corpo textual como dualidade, multiplicidade e ilusão, a função simbólica da atuação formal de mulheres migrantes, o feminino como personagem principal de textos filosófico-literários, em sua dimensão de subjetividade e alteridade, mecanismos patriarcais construídos pela lógica ocidental e os cruzamentos entre gênero e cultura levados para o texto teatral, além da noção de cidadania expressa em narrativas de si e textos da intimidade.

A literatura e a escritura se cruzam em temas novos e renovados. Por outro lado, os nomes próprios vão se constituindo monemas nessa gramática de gênero: Émilie du Châtelet, Carolina Maria de Jesus e Frida Kahlo, Elena Gianini Beloffi, Elvira Seminara, Simone de Beauvoir, Ada

María Elflein e a escritura feminina *na dramaturgia de Caryl Churchill*. A esses nomes acrescento suas leitoras e seus leitores, que inscrevem as suas pesquisas no campo dos estudos literários, espaço da ampliação do imaginário e da possibilidade do conhecimento, em que, além de buscar a coerência em lugares, datas e nomes próprios, cedem lugar ao contemporâneo desejo de colocar a mulher como sujeito na possibilidade infinita da reescrita de suas histórias silenciadas. Ao aproximar lugares teóricos e geográficos, proporcionamos o encontro entre pesquisadoras e pesquisadores como Paulo Jonas de Lima Piva, Fabiana Tamizari, Marina Becerra, Alessandra Matias Querido, Ana Maria Chiarini, Magda Guadalupe dos Santos, Amalia Ortiz de Zárate Fernández e Rodrigo Browne Sartori.

Reunir esses textos e esses nomes nas suas diferentes cartografias, em diferentes mapas e tramas, permite a reorganização de nosso olhar sobre a história das mulheres. Não mais para procurar registrar como as coisas realmente aconteceram, e sim elaborar *textualidades*, no plural. É possível (re)apresentar e aproximar os séculos XVIII, XIX, XX e XXI. É possível perceber que o México pode trazer cores para as narrativas em sépia. A França e a Itália não ficam longe daqui com suas precursoras e suas migrantes. A Argentina nos ajuda a ler as escritas da intimidade em uma história da construção do desejo de cidadania na América Latina.

No centro ainda das questões de nossos artigos temáticos está o próprio conceito de literatura a ultrapassar e redefinir as fronteiras do poético e do ficcional. Encontra-se aqui tam-bém, nos próprios limites dos gêneros textuais, uma literatura que parece não querer mais sobreviver por si só. Aproximar a historiografia, as cenas e telas, a filosofia, as ficções, a dramaturgia e as escritas da intimidade é um avanço diante da rejeição das metanarrativas enquanto interpretações teóricas de larga escala pretensamente de aplicação universal. Micro-histórias, recortes mínimos de um realismo afetivo em pessoas e personagens estudadas aproximam a história das textualidades híbridas no esforço de dissolução dos rótulos e no diálogo necessário entre os saberes. A consciência crítica e o alargamento das possibilidades do ato da leitura, nas diferentes áreas de conhecimento, permi-tem um novo olhar sobre as coisas ditas relacionadas ao presente e aos pilares do passado, sempre à espera de ressignificações. Sob o signo da resistência, a literatura e a escrita feminina funcionam como eixo de todas as leituras, redimensionando a ordem estética e cultural dos sujeitos femininos e suas identidades teóricas, textuais, históricas e políticas.